

**Roberto Machado leitor de Gilles Deleuze:
caminhos de ensino e aprendizado de filosofia**

Antonio Augusto Madureira de Pinho*

Resumo: O artigo procura mostrar como a recepção de temas da filosofia de Gilles Deleuze e a própria obra do filósofo foram decisivas na trajetória de Roberto Machado, do ponto de vista do historiador das idéias filosóficas, mas nem tanto em suas exigências metodológicas e pedagógicas. Neste aspecto, é Michel Foucault o filósofo que responde a tais exigências, cujos traços aparecem na trajetória de Machado, com a prática pedagógica das aulas “quadro negro” e “aulas comício”, adaptadas ao seu estilo, bem como a elaboração de uma arqueologia do trágico. Como historiador das idéias, Machado segue os temas e os autores estudados por G. Deleuze, na defesa de uma geografia do pensamento, em que a crítica ao conceito de identidade e de representação deve ceder a um pensamento da diferença, no qual a filosofia de Kant situa-se no espaço fronteiro entre estas duas esferas de pensamento. O artigo reafirma a hipótese de Machado que este ponto é a invariante estrutural que percorre as obras de Deleuze. Por fim, o autor rende homenagens ao mestre, valendo-se do mote de Espinosa-Nietzsche, formulado por Deleuze: “o que pode um corpo?”, para exaltar a prática pedagógica de ensinar e fazer filosofia como uma prática marcada por afetos de alegria.

Palavras-chave: Identidade, Diferença, aulas comícios, aulas quadro-negro, Roberto Machado, Gilles Deleuze, Michel Foucault.

Abstract: This article seeks to show how the reception of certain themes present in Gilles Deleuze's philosophical work, in addition to the philosopher's own works, were decisive in shaping the trajectory of Roberto Machado from the point of view of the historian of philosophical ideas, but not as much in methodological and pedagogical demands. Rather, it is Michel Foucault whose traits appear in Machado's trajectory, with the pedagogical practice of "blackboard classes" and "assembly classes," adapted to his style and in the elaboration of an archeology of the tragic. As an historian of philosophical ideas, Machado follows the themes and authors studied by G. Deleuze in defense of a geography of thought, in which the critique of the concept of identity and representation must yield to a thought process around difference, and in which Kant's philosophy is situated within the border space between these two spheres of thought. The article reaffirms Machado's hypothesis that this point is the structural invariable that runs through Deleuze's works. Finally, the author offers his own personal homage to this great teacher, making use of Espinosa-Nietzsche's motto, formulated by Deleuze: "what can a body do?", to exalt the pedagogical practice of teaching and doing philosophy as a practice marked by happiness.

Key-words: Identity, Difference, assembly classes, blackboard classes, Roberto Machado, Gilles Deleuze, Michel Foucault.

* Professor da UERJ. Contato: aampinho@gmail.com

Conheci Roberto Machado no final dos anos oitenta, quando fui seu aluno no Mestrado de Filosofia do IFCS/UFRJ. Ele havia acabado de chegar da França, onde fizera um pós-doutorado com Gilles Deleuze. Era sobre a obra de Deleuze que pesquisava e nos cursos ministrados sobre o filósofo oferecia os resultados de sua pesquisa. À época, eu me interessava por História da Filosofia. Em filosofia contemporânea, meu foco era pensamento pós-estruturalista, que incluía, entre seus principais representantes, Michel Foucault, Jacques Derrida e o próprio Deleuze. Seguiu os cursos de Machado com a avidez de mestrando que quer e precisa definir seu objeto de pesquisa para sua dissertação de mestrado.

Antes, contudo, de definir o tema e o filósofo a ser estudado no mestrado, definição essa que viria a partir de minhas conversas posteriores com Machado, meu futuro orientador, a aproximação com ele se deu de forma casual e inesperada. Em seu primeiro curso sobre Deleuze que assisti, Machado mostrava uma certa perplexidade pela relevância que o filósofo I. Kant (1724-1804) desempenhava na filosofia de Deleuze e na construção de um projeto filosófico centrado na demarcação de uma geografia do pensamento¹. No caso específico de I. Kant interessava examinar o modo como as faculdades humanas se relacionam entre si na produção do conhecimento. Portanto, o interesse recaía sobre a relação entre sensibilidade, como receptora dos dados sensíveis, e entendimento, como a faculdade que exerce a atividade de síntese da diversidade dos dados sensíveis na produção dos conceitos. Este ponto da filosofia de Kant havia sido estudado por mim para o exame de seleção de mestrado, e o havia estudado tendo como referência a tradução francesa do curso do filósofo Martin Heidegger sobre Kant. É sob um viés fenomenológico que M. Heidegger interpreta a relação entre estas duas faculdades, a sensibilidade e o entendimento, com destaque para a faculdade da imaginação pela função mediadora que exerce em relação as duas outras faculdades. A interpretação heideggeriana de Kant despertou a atenção de Machado, se me lembro bem, porque ela se contrapunha à interpretação de Deleuze naquilo que, para este filósofo, ela tinha de fundamental: a clivagem do “eu transcendental” e do “eu empírico”. Clivagem provocada pela temporalidade constitutiva do sujeito. Com o objetivo de compreender melhor estas diferenças,

¹ Entre as várias referências sobre a importância da filosofia de Kant no pensamento de Deleuze, encontradas em *Deleuze e a Filosofia*, cito uma do final do livro que considero das mais eloquentes, a saber: “(...) já estudei a posição singular ocupada por Kant no pensamento de Deleuze, mostrando como sua filosofia constitui um dos principais instrumentos conceituais para a elaboração e estruturação do sistema deleuziano. O que significa Kant para Deleuze? A descoberta da “diferença transcendental” ou o fato de o sujeito ser constituído por duas formas irreduzíveis que fazem com que ele seja receptivo, afetado, e determinante, espontâneo. O que aproxima Deleuze de Kant é, deste modo, a novidade kantiana de considerar o conhecimento a partir de uma diferença de natureza, e não apenas de grau, entre a sensibilidade, faculdade de intuições, e o entendimento, faculdade de conceitos. O conhecimento é uma síntese do heterogêneo” (MACHADO, R., 1990, p.216)

Machado montou um grupo de estudos, que ministrava em paralelo a suas aulas, para o qual convidou os “estudiosos” de Kant, um amigo a quem acabara de se ser apresentado nos seus cursos, e eu, que me descobria, pelas lentes de Machado, um kantiano de carteirinha.

Este meu encontro com Machado foi uma ligeira amostra de como o professor e o pesquisador funcionavam no trabalho pedagógico e acadêmico com seus alunos. Receber seus alunos no espaço doméstico privado, podia demonstrar alguma insatisfação com o espaço institucional, nem sempre percebido por ele como o mais propício à troca intelectual e a eventuais “embates” de ideias. Escaldado em ambientes acadêmicos em que os debates resvalavam para disputas histriônicas, com poucos resultados, organizava grupos de estudos não institucionais com amigos que eram também alunos e com alunos que se tornariam amigos². A preferência por uma comunidade de amigos, com interesses intelectuais e filosóficos convergentes, também tinha como função driblar a dispersão provocada nos debates que surgiam em aulas abertas, que eram frequentadas pelos mais variados públicos: alguns dos seus alunos regularmente inscritos na matéria; alunos de outros professores que manifestavam um interesse vago pelos tópicos lecionados, “alunos” professores que conheciam bem os temas pesquisados e, frequentemente, examinavam estes temas em seus cursos (os professores e também filósofos Carlos Henrique Escobar e Clauze Ronald de Abreu, foram presenças assíduas nos cursos de Machado sobre Nietzsche e G. Deleuze) e alunos que tinham pouca ou nenhuma formação em filosofia. A dispersão ocorria em forma de perguntas retóricas, que se traduziam em interpelações, algumas vezes, inoportunas feitas pelos que tinham procedido a uma leitura superficial dos textos examinados em aula. As interpelações mal fundamentadas resultavam em intervenções inutilmente digressivas. Qualquer aventureiro que chegasse com a retórica do improvisado não era bem recebido, fosse aluno, orientando, aluno ouvinte ou mesmo aluno amigo. A contrapartida da responsabilidade pedagógica, exibida pelo mestre em aulas cuidadosamente preparadas, era cobrada de seus alunos, algumas vezes de forma seca, nunca

² Quando Foucault esteve no Rio para ministrar o curso *A Verdade e as Formas Jurídicas*, Machado relata como se deu a mesa redonda composta na PUC/RJ com filósofos, psicanalistas e professores para debaterem as teses apresentadas por Foucault no curso. Respondendo a uma pergunta de um professor da psicologia sobre o livro *O Anti-Édipo* de seu colega francês, G. Deleuze, Foucault fez duras críticas à psicanálise, que foram rebatidas com maior ou menor êxito, não se sabe, pelo psicanalista Hélio Pelegrino. Pelo visto a resposta do psicanalista deve ter se perdido nas brumas de uma interlocução prejudicada pelo espírito belicoso e grosseiro de alguns participantes. O registro que ficou desta mesa redonda, segundo Machado, foi o de uma tensão insuportável no debate entre os presentes, concluindo que um “encontro como esse logo me fizeram sentir que só se trabalha bem com os amigos” (FOUCAULT, M. 2017, p.35-37)

grosseira, com recomendações tácitas de maior comprometimento com o estudo dos tópicos lecionados no curso.

“Aulas comícios” e “aulas quadro-negro”, assim Machado gostava de classificar suas aulas e as de outros professores, adaptando categorias, inventadas pelo cineasta J.-L. Godard, para classificar tipos distintos de filmes. Nesta classificação, a menos como a entendo, diria que suas aulas se enquadravam, ao mesmo tempo, em ambas categorias, pois se apresentavam com uma combinação ótima, um arranjo bem sintonizado, entre “aula comício” e “aula quadro negro”. A forma da “aula comício” aparecia na técnica de uma oratória que reproduzia, dramatizando, um texto lido, um comentário de sua autoria, versando sobre uma determinada filosofia de um determinado autor. A inflexão de voz e o tom grave, combinados com gestos expansivos, não deixavam passar a impressão de se tratar de uma aula lida. A leitura de um texto exegético, contendo explicações detalhadas do assunto examinado, com a exposição didática e a preocupação de sistematizar as ideias veiculadas, consistia no pano de fundo “quadro negro” das aulas de Machado.

O grande impacto produzido por suas aulas, além das qualidades intrínsecas do orador, bem manipuladas pelo professor, dava-se também pelo ineditismo. Nunca havia assistido uma aula lida, assistira conferências lidas, quando muito, que começavam a acontecer no ambiente acadêmico e universitário, visando preservar o rigor científico em detrimento do improvisado com os conceitos. As conferências, quando lidas, apresentavam-se como o anticlímax da fruição intelectual, seja na fruição estética da construção de argumentos, ou seja no grau de compreensão, normalmente, prejudicados em função de leituras protocolares que tornavam os textos enfadonhos, como se seus autores estivessem querendo transferir a responsabilidade de seus erros e acertos para o papel. Ora, as técnicas machadianas de leitura e encenação prendiam atenção dos seus ouvintes, facilitando o acompanhamento de exposições sobre temas complexos. Anos depois das minhas primeiras aulas com Machado, ao ingressar na universidade de Paris para fazer meu doutorado, constatei que, em sua grande maioria, a quase totalidade dos professores, lia suas aulas e as lia de forma enfadonha, aliás, como costumavam ser as leituras dos textos teóricos em geral. O segredo do sucesso das aulas de Machado, como ele lembrava sempre, vinha diretamente de Foucault, enaltecendo as qualidades do seu mestre como grande orador.

Em seu último livro, *Impressões de Foucault*, faz as seguintes afirmações:

Já Foucault era mais um conferencista do que propriamente um professor. Algumas vezes o ouvi, exultante dizer: ‘não sou professor; não tenho alunos’. O grande auditório do Collège de France, apinhado de gente sentado nas cadeiras e no chão, em pé ao redor da grande mesa de onde ele falava, era frio, sério, atento. E a atitude de Foucault não destoava do ambiente. Até mesmo quando o vi falar em lugares nada imponentes seu estilo não variava. Teatral, debruçado sobre seus papéis, mãos espalmadas, semblante crispado, olhos vivos e tímidos, ele trazia tudo pronto de casa lia seu texto com uma habilidade tão extraordinária que nem parecia olhar o que tinha escrito.³

Na página seguinte, refere-se a uma outra característica de Foucault que considerava

(...) igualmente importante. Era homem de passar o dia inteiro na *Bibliothèque Nationale* lendo textos que ninguém lia (...) Certa vez me disse: ‘Quase não leio. Ler pelo prazer de ler, quase não faço mais isso. Na *Nationale* eu não leio; eu procuro’(...) Sempre percebi em Foucault esses dois lados, que se complementavam perfeitamente: orador fúnebre e rato de biblioteca. O grande conferencista se harmonizava perfeitamente com o pesquisador de fontes (...).⁴

Nunca assisti, presencialmente, uma conferência de Foucault. Portanto, para mim as aulas de Machado ainda são caso único, muito embora sua descrição das aulas magistrais de Foucault e da performance deste como orador, mostra que, se não se igualou ao mestre, chegou bem perto. Ao contrário de Foucault, que se orgulhava de não ter alunos, provavelmente por não querer se apresentar como *maître à penser*, como dirigente de consciências⁵, Machado dava a impressão de se orgulhar em ter alunos, com os quais consumia boa parte do seu tempo de trabalho e de lazer. Contudo, não precisava desempenhar a função de dirigente de consciências para gostar de ser professor. Diversas vezes ouvi dizer que a sedução que encontrava no ensino era ensinar aquilo que não sabia, pois gostava de aprender ensinando e se exauria, alegremente, ensinando e reclamando da exaustão de ensinar. As bibliotecas públicas no Brasil não oferecem a mesma infraestrutura para pesquisa que as bibliotecas europeias. Até a nossa Biblioteca Nacional, que conta com acervo de obras e documentos bem razoáveis, não pode ser comparada à *Bibliothèque Nationale*, tanto pelo acervo quanto pelo suporte dado à pesquisa. Ainda que Machado não fosse um “rato de biblioteca”, testemunhei algumas vezes ele adquirir dezenas de livros para preparar os cursos do semestre seguinte, sendo que as leituras preparatórias focavam obras de filósofos, historiadores da filosofia e da cultura, grandes escritores etc.. A proximidade

³ FOUCAULT, M., 2017, pp. 64-65.

⁴ *Ibidem*, p. 65.

⁵ A declaração antiprofessoral de Foucault está inteiramente de acordo com sua crítica ao conceito de sujeito, noção terminal da tradição metafísica, e, por tabela, à noção de autor. O prefácio de sua obra *História da Loucura na Idade Clássica* se apresenta como uma justificativa, não da obra, mas da necessidade de se abolir os prefácios pelas consequências nefastas que podem acarretar, tendo em vista que convocam os autores a legislar sobre suas próprias obras, ou melhor, a legislar sobre a melhor maneira de lê-las. “(...) Assim se escreve Prefácio, ato primeiro com o qual começa estabelecer-se a monarquia do autor, declaração da tirania: minha intenção deverá ser seu preceito, leitor; sua leitura, suas análises, suas críticas se conformarão àquilo que pretendi fazer; entendam bem minha modéstia: limitar sua liberdade(...)” (FOUCAULT, M., 1978, p.VIII)

dele com Foucault aqui não estava na escolha dos autores estudados com suas respectivas obras, mas no fato de que também lia não mais tanto pelo prazer em ler, lia para procurar ou formular, confirmar ou infirmar hipóteses de pesquisa. Exaltava a persistência de Foucault em formular hipóteses de pesquisa com base em obras empoeiradas e pouco lidas, enquanto exultava poder ler as obras dos grandes filósofos e escritores em geral, inebriado com leituras de pensadores de todas as áreas e matizes, cujas referências eram fornecidas pelas obras de Deleuze, principalmente.

Além do prazer da troca intelectual, creio que Machado tinha consciência do trabalho pioneiro que foi o de promover um grupo de estudos em torno da obra de M. Foucault, nos inícios dos anos 1970, assim como foi talvez um dos poucos professores que conheci que se preocupava em explicitar o que estava em jogo (*les enjeux*) nas filosofias examinadas, Dizia e repetia que era um “explicador” dos filósofos que estudava e que seus escritos sobre estes filósofos, principalmente, Foucault, Deleuze e Nietzsche tinham como finalidade ensinar a ler seus textos. Entre os princípios exegéticos rigorosos que procurava seguir, encontrava-se a busca de um propósito ou de uma finalidade das teorias filosóficas analisadas, propósito que poderia ser explicitado em função dos debates intelectuais e filosóficos datados e, para além dos contextos específicos, inseridos de forma mais ampla na tradição filosófica

Esta questão da forma ou das técnicas hermenêuticas requeridas para uma boa leitura dos filósofos não obstaculizava, de maneira nenhuma, a liberdade que dava aos seus alunos, para escolherem os temas e filósofos que seriam objetos de suas dissertações ou teses. O que se exigia, em termos de conteúdo, era uma afinidade temática mínima para que a relação de orientação pudesse prosperar. Nunca fui estudioso da filosofia de I. Kant, por exemplo, conhecia e ainda conheço pouco a filosofia deste que é o considerado por muitos o mais relevante filósofo da modernidade... Interessava à pesquisa que ele desenvolvia sobre Deleuze aprofundar o estudo de Kant, principalmente, confrontando com a interpretação deleuziana da teoria das faculdades na produção do conhecimento com a interpretação de M. Heidegger, que lhe era diametralmente oposta. Neste ponto específico, eu estava por dentro da leitura fenomenológica feita por Heidegger da obra de Kant, portanto, além de ser proveitosa para pesquisa desenvolvida sobre Deleuze, a troca de orientador/orientando resolveria bem o problema da minha dissertação. Já tinha um projeto pronto, bastava executá-lo. Deixei de lado, fui estudar Espinosa com o aval do meu futuro orientador. Embora Espinosa fosse um filósofo bem mais afim com os propósitos de Deleuze, a filosofia espinosana não desempenha uma função tão decisiva na crítica da noção de sujeito como a de Kant, na demarcação do lugar da

diferença, segundo a interpretação de Deleuze. No livro de Machado sobre Deleuze, dois capítulos são quase inteiramente dedicados a Kant, sendo que nos dois últimos, em que analisa a obra de M. Foucault, o filósofo de Königsberg torna-se uma das principais referências na grade de leitura deleuziana ao apresentar Foucault como um “neokantiano”.

A constituição de uma geografia do pensamento deve ser priorizada, segundo Deleuze, antes de se retomar as grandes questões perenizadas na e pela história da filosofia, geografia na qual se deve mapear o solo em que o conceito de diferença não esteja subordinado ao de identidade, assim como o de unidade não esteja subordinado ao de multiplicidade. Ou melhor, trata-se de bem demarcar o espaço para a libertação da diferença do jugo da identidade e da representação. Do ponto de vista metodológico, a filosofia de Deleuze respondia bem as demandas da análise estrutural de textos, incrementada na França por Martial Guérroult - a quem consagrara um artigo elogioso interpretando o método deste historiador⁶ -, combinada com uma adaptação do método de colagem da pintura dadaísta⁷, indispensável para constituição de uma geografia do pensamento. Esta jogada filosófica deleuziana, concernente à geografia do pensamento e a combinação do método de análise estrutural de texto com a colagem da pintura dadaísta, como dizia Machado, com ênfase e sotaque inconfundíveis, era decodificada por ele após um longo e exaustivo trabalho de exegese dos textos do filósofo, com o qual presenteava os alunos em suas aulas e em seus livros. O esforço de atenção que fazíamos para acompanhar a apresentação de sua interpretação do filósofo analisado, fosse Deleuze ou outro qualquer, era fartamente recompensada pelo resultado: tornar acessível ao iniciante em filosofia aquilo que parecia ininteligível ao já iniciado.

Na geografia do pensamento elaborada por Deleuze, se Kant ocupa um espaço decisivo, um ponto de virada entre a filosofia da identidade e a da diferença, em razão da clivagem do “eu empírico” e do “eu transcendental”, a resposta que diferencia Kant dos filósofos da diferença, é que este vai propor uma síntese entre as faculdades do conhecimento, a sensibilidade e o entendimento, na qual deve se estabelecer uma harmonia no funcionamento das faculdades. A identidade do sujeito de conhecimento estaria, assim, garantida com o exercício harmônico das faculdades, e a constituição do objeto de conhecimento correlato ao sujeito.

⁶ DELEUZE, G. Espinosa e o método geral de Martial Guérroult. In: LAPOUJADE, David. (Org.). *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2008e, p. 189-201.

⁷ Ver *Diferença e Repetição*. Gilles Deleuze (trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1988)

As formas ou a estruturas que as filosofias da diferença desenvolveram para lidar com o problema da identidade e da diferença, do um e do múltiplo, a partir da clivagem do sujeito na filosofia de Kant, segundo Machado, acusam uma homologia estrutural que perpassa as obras de Deleuze, e que se projeta nas obras dos filósofos que ocupam esta localização geográfica. Dos modernos para cá, os principais são: Espinosa, Hume, Nietzsche, Bergson, Foucault e o próprio Deleuze. Desta forma, para Machado, não há uma filosofia de Deleuze posterior a sua obra *Anti-Édipo*, que se diferenciaria das obras anteriores, aparentemente de história da filosofia, já que o essencial de seu pensamento já se encontra nas suas análises consagradas dos filósofos, cujo ápice ocorre em seu livro *Diferença e Repetição*. A conclusão a que chega o leva a reinterpretar uma declaração do próprio Deleuze da seguinte maneira:

Efetivamente, ele [Deleuze] afirma em *Dialogues* que procurava nos livros anteriores aos *L'anti-Édipe* descrever um exercício do pensamento e que descrever um pensamento ainda não era exercê-lo, havendo entre as duas posturas uma diferença como o que entre gritar 'viva o múltiplo' e 'fazer o múltiplo'. A análise da passagem de *Dialogues* em que tal afirmação é feita me faz interpretá-la mais como um enaltecimento do fato de ter trabalhado a dois do que como referência ao possível aparecimento de uma diferença conceitual em sua obra. Minha posição é que a filosofia de Deleuze apresenta uma identidade surpreendente no que diz respeito ao essencial. E neste sentido é toda ela que faz o múltiplo ou simplesmente se contenta em celebrá-lo.⁸

A conclusão de Machado pode ter desagradado a todos os que sempre celebraram esta declaração de Deleuze como forma de enaltecer a potência do seu pensamento se efetivando no exercício de um pensamento da diferença, o que só teria ocorrido com *O Anti-Édipo* e, fundamentalmente, em *Mil Platôs*. Contudo, a exatidão desta interpretação de Machado fora reconhecida em mensagem do próprio Deleuze, que ele jamais utilizou em aulas ou mesmo em livros, ao que eu saiba, para legislar sobre o que poderia ser considerado uma “boa leitura” da filosofia de Deleuze. A potência desta, ao contrário, é efetivada desde seus livros sobre os filósofos – que seriam, tecnicamente, de “história da filosofia” - e, portanto, a opção entre fazer o múltiplo e celebrar o múltiplo só poderia ser considerada hipoteticamente. A criação de conceitos ocorrida em profusão naquelas duas obras citadas acima não poderia ser destacada do solo em que a filosofia da diferença emerge a partir de suas múltiplas faces, expressas pelas diferentes filosofias de diferentes filósofos que ocupam este espaço. Com a leitura de Machado da obra de Deleuze, tornou-se mais factível exercer um pensamento da diferença a partir de Deleuze e, conseqüentemente, habitar um mundo deleuziano. Não teria sentido destacar os conceitos criados pelo autor de *Diferença e Repetição* das premissas filosóficas que os

⁸ MACHADO, R., 1990, pp. 181-182.

justificam, lançadas pela multiplicidade de filósofos aliados na construção de um novo *tópos*: o lugar do múltiplo e do pensamento diferencial.

Para encerrar esta breve homenagem ao saudoso mestre e amigo Roberto, gostaria de sugerir como o múltiplo e o diferente se manifestam em sua obra a partir da crítica da noção de sujeito, e, por tabela, da noção de autor, recortando a dedicatória com a qual inicia seu livro sobre Foucault, *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Foucault* de 1982. Machado dedica seu livro “*a todos que se escondem atrás deste nome de autor*” (grifei). O livro trata das mudanças impostas à epistemologia francesa pela arqueologia foucaultiana, além das diversas mudanças teóricas ocorridas no interior do próprio pensamento de Foucault, que vão da arqueologia do saber à genealogia do poder, ambas construções metodológicas do próprio. Rupturas teóricas e mudanças repentinas em relação aos objetos de seus estudos e das metodologias construídas para abordá-los são constantes na atividade intelectual de Foucault, descrita por Machado em várias ocasiões nas quais o próprio Foucault reconhece trabalhar com hipóteses provisórias, visando desconstruir evidências estabelecidas. As hesitações, as dúvidas e o desejo de compreender são marcas dos indivíduos que se escondem atrás do nome de autor, jamais o traço de um sujeito de conhecimento cuja identidade deve garantir a inequívoca coerência do seu objeto, transparente à consciência de um sujeito cognoscente.

O efeito parcial e local deste encontro com Foucault aparece descrito na última obra de Machado, *Impressões de Michel Foucault*, em que as mudanças radicais em sua trajetória de vida e de pensamento são acompanhadas de dois acontecimentos: a mudança para o Rio de Janeiro em 1970, quando foi convidado para lecionar na PUC, e a leitura do livro *As Palavras e as Coisas* de M. Foucault. A mudança para o Rio possibilitou ao jovem militante da esquerda católica, vinculado à Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP), ensinar e estudar filosofia sem as amarras curriculares impostas pela ditadura civil-militar às universidades públicas. À época, recém chegado de Louvain, universidade em que fizera seu doutorado, Machado ensinava Metodologia Científica na Universidade Federal da Paraíba, profundamente insatisfeito com o programa da disciplina e com a intimidação permanente da censura interna exercida por muitos que frequentavam aquele ambiente, inclusive professores. Na PUC/RJ pode substituir a Metodologia Científica, cujo programa visava “(...) a análise lógica de legitimação ou justificação da ciência em geral (...)”, pela epistemologia, cujo objetivo consistia em avaliar a racionalidade científica por meio da “(..)investigação sobre os

procedimentos da produção de conhecimento científico (...)”⁹. Portanto, a mudança que se observa aqui não é tanto em relação ao abandono da Metodologia Científica, disciplina que lecionava protocolarmente e sem nenhum entusiasmo, mas em relação ao contato com a epistemologia “(...) como praticada na França por filósofos como Bachelard, Koyré, Cavailles, Canguilhem (...)”¹⁰.

A segunda mudança foi a descoberta do livro de M. Foucault, *As Palavras e as Coisas*, descoberta inteiramente casual, pois foi por eliminação que chegou a esta obra, tendo em vista que queria “dar conta” das ciências humanas e não encontrando resposta que considerasse satisfatória na sociologia produzida na França, leia-se P. Bourdieu, enveredou por uma obra da qual discordava profundamente, mas que o fascinava pelo estilo e pela escrita¹¹. A mudança operada em sua trajetória com a descoberta de Foucault parece ter sido uma mudança de cento e oitenta graus, pois até então o que estudara em Louvain e em Heidelberg não tinha nada a ver com a filosofia francesa, que era vista de forma secundária pelos fenomenólogos e lógicos, como Jean Ladrière, seu orientador. A História da Filosofia e a Fenomenologia foram os horizontes que se abriram em seu doutorado, mas foi com os estudos de Foucault e mesmo seu convívio com o próprio que esta mudança se radicaliza ainda mais com a descoberta da filosofia de F. Nietzsche. Em função desta descoberta, ao que tudo indica, a trajetória de Machado parece ter ganho uma nova direção: da pesquisa empírica realizada na obra coletiva, *A Danação da Norma: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil*, às obras de hermenêutica filosófica que são a maioria, incluindo sua obra sobre M. Foucault, o círculo das mudanças se arredonda em seus trezentos e sessenta graus pela influência determinante de Nietzsche. A descoberta da presença do pensamento de F. Nietzsche no de M. Foucault, depois no de G. Deleuze e, finalmente, a influência independente que exerce sobre seu próprio pensamento, quando escreve a obra *O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche*, depois de já ter publicado duas obras sobre o filósofo alemão, que acabou se tornando sua principal referência filosófica. Segundo Machado, este livro escrito sobre o nascimento do trágico teria sido sua única obra de filosofia propriamente dita, de cuja análise me abstenho, em virtude da falta de condições de procedê-la no momento.

Quando soube da morte de Roberto tomei um baita susto. Não sabia que ele estava doente e menos ainda hospitalizado. O susto veio acompanhado daquelas exclamações triviais

⁹ MACHADO, R., 2017, p. 25.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem, p. 29.

quando a gente se depara com uma morte que julgamos ser prematura, como se a expectativa média de vida pudesse condicionar uma avaliação tácita, inconsciente, de quem pode (ou já pode) morrer ou de quem não pode (ou não deve) morrer. Contudo, a lembrança da atmosfera intelectual e filosófica presente em seus livros, cursos, e conversas pôs em primeiro plano as noções de força e potência, a noção de vida como vontade de potência. Se a vida potente é aquela que, segundo Nietzsche, se realiza no instante presente, com a intensificação das forças físicas, corpóreas, produzida por uma vontade de potência afirmativa, a vida de Roberto Machado merece ser celebrada como uma vida plena. Segundo seus próprios critérios que pareciam sempre guiados pelo lugar privilegiado que a filosofia de Nietzsche concedia ao corpo, Roberto sempre exercitou e exibiu a potência do corpo por meio de atividades físicas variadas. As caminhadas na praia, com direito à prática do frescobol, davam ensejo às interlocuções de orientação de dissertações e teses, como ocorreu com a minha dissertação de mestrado e deve ter ocorrido com muitas outras. Realizava, assim, a reinvenção da prática peripatética da cultura filosófica aristotélica da Grécia clássica, em plena virada de século na mais tropical de todas as cidades, o Rio de Janeiro. Futebol de praia, longas caminhadas e natação também eram as atividades físicas com as quais procurava se exercitar, atribuindo sentido à pergunta formulada pelo filósofo holandês, B. de Espinosa: “o que pode um corpo?”, pergunta exaltada e valorizada por Deleuze em seus comentários sobre este filósofo.

À pergunta sobre a potência corporal também era respondida por Roberto ao selecionar o padrão do “filósofo atleta”, figurino que poderia cair bem nos filósofos gregos da época clássica, em detrimento do padrão do filósofo “intelectual boêmio”, figurino que caiu bem em alguns filósofos do pós-guerra, os existencialistas, por exemplo, como Sartre e Beauvoir. Fiel à proposta de fazer da prática filosófica uma prática de vida, Roberto seguiu rigorosamente um ensinamento de Espinosa, segundo o qual a filosofia é uma meditação sobre a vida, jamais sobre a morte, uma meditação sobre a vida que tem por única finalidade expandir nosso poder de afetar e de ser afetado por pessoas e coisas. A expansão do nosso poder de afetar e de ser afetado, em termos ainda espinosanos, é a origem dos nossos sentimentos de alegria, sejam das nossas paixões alegres ou das nossas alegrias ativas.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

MACHADO, R. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *Impressões de Michel Foucault*, São Paulo: n-1 edições, 2017.

Recebido em 06/12/2021

Aprovado em 26/02/2022